



**“VOCÊ VAI NOS HONRAR” OU “HOMEM SER”? CURRÍCULO E
RELAÇÕES DE GÊNERO NA ANIMAÇÃO MULAN**

**“NOS HONRARÁS” O “EL HOMBRE SEA”? CURRÍCULUM Y
RELACIONES DE GÉNERO EN ANIMACIÓN MULAN**

**“WILL YOU HONOR US” OR “MAN BE”? CURRICULUM AND GENDER
RELATIONS IN ANIMATION MULAN**

Thomaz Spartacus Martins Fonseca¹

Luiz Davi Mazzei²

Nathalye Nallon Machado³

RESUMO

Neste artigo abordamos as construções de gênero, buscando analisar as normas sociais implícitas que fazem com que possamos ser reconhecidos como homens ou mulheres. Tais normas se constituem num currículo, tal como entendido por Larrosa e Paraíso, que é divulgado e naturalizado e que estabelece e reforça as relações - de poder e de gênero - dentro da sociedade. Utilizamos como *lôcus* de pesquisa o cinema, mais especificamente a animação *Mulan*, dos estúdios Disney. Nessa obra a normatização do que é ser homem e o que é ser mulher são temas centrais, bem como as relações – tanto

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2011). Pós-graduado em Docência do Ensino Superior (2007), graduado em Licenciatura em Educação Básica pela Universidade Federal de Ouro Preto (2005). Professor efetivo da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora e do estado de Minas Gerais. Tutor a distância do curso de Pedagogia FAGED/UFJF/UAB.

² Doutor em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2014). Atualmente é professor efetivo do Colégio Universitário Geraldo Reis, da Universidade Federal fluminense.

³ Doutora em Educação pelo PPGE/UFJF, possui Mestrado em Educação (2006), Especialização em Linguagem (1997) e Formação inicial em Pedagogia (1995), todos pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Participou como Bolsista Capes do Programa Doutorado Sanduíche no Exterior - PDSE -na Universidade de Barcelona. Atualmente é Coordenadora Pedagógica e Professora da Rede Municipal de Juiz de Fora. Tem experiência na área de Educação Básica, com ênfase nos temas: políticas públicas, educação básica, cultura, gênero e sexualidade, cultura visual, feminilidades, conhecimento, linguagem. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade da Faculdade de Educação da UFJF.

de poder quanto hierárquicas - entre os gêneros. A proposta de discussão que trazemos inclui olhar, a partir dos percursos teóricos-metodológicos pós-críticos, para as possibilidades de artefatos culturais como esses, voltados para a infância, tem de influenciar, modificar ou reforçar regras e valores na construção das identidades dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo. Gênero. Cinema.

RESUMEN

En este artículo abordamos las construcciones de género, buscando analizar las normas sociales implícitas que hacen posible que seamos reconocidos como hombres o mujeres. Dichas normas constituyen un currículo, como lo entienden Larrosa y Paraíso, que se difunde y naturaliza y que establece y refuerza las relaciones - de poder y de género - dentro de la sociedad. Usamos el cine como un locus de investigación, más específicamente la animación Mulan, de los estudios Disney. En este trabajo, la estandarización de lo que significa ser hombre y lo que significa ser mujer son temas centrales, así como las relaciones -tanto de poder como jerárquicas- entre géneros. La propuesta de discusión que traemos incluye mirar, desde los caminos teórico-metodológicos poscríticos, a las posibilidades de que artefactos culturales como estos, dirigidos a la infancia, tengan que influir, modificar o reforzar reglas y valores en la construcción del identidades de los sujetos.

PALABRAS-CLAVE: Plan de estudios. Género. Cine.

ABSTRACT

In this article, we approach gender constructions, seeking to analyze the implicit social norms that make it possible for us to be recognized as men or women. Such norms constitute a curriculum, as understood by Larrosa and Paraíso, which is disseminated and naturalized and which establishes and reinforces the relationships - of power and gender - within society. We use cinema as a locus of research, more specifically the Mulan animation, from Disney studios. In this work, the standardization of what it means to be a man and what it means to be a woman are central themes, as well as the relations - both of power and hierarchical - between genders. The discussion proposal that we bring includes looking, from the post-critical theoretical-methodological paths, to the possibilities of cultural artifacts such as these, aimed at childhood, have to influence, modify or reinforce rules and values in the construction of the subjects' identities .

KEYWORDS: Curriculum. Gender. Cinema.

* * *

*Homem ser!
Seremos rápidos como um rio
Homem ser!
Com força igual a de um tufão
Homem ser!
Na alma sempre uma chama acesa
Que a luz do luar nos traga inspiração
(Trecho da Canção “Homem ser!”)*

Introdução

A sociedade mantém um investimento contínuo e intenso em um currículo que busca direcionar, ensinar e normatizar a construção das masculinidades e das feminilidades. Ela instaura, assim, um currículo de comportamentos, corpos e padrões adequados para os homens e as mulheres, ditando normas e padrões que identificam, marcam e classificam os sujeitos. Definem-se, dessa forma, aqueles sujeitos a serem considerados homens ou mulheres “de verdade” por se enquadrarem nesse currículo. Ao mesmo tempo, esse currículo define, também, aqueles sujeitos que serão descritos como desviantes e, portanto, não seriam considerados homens ou mulheres ou, pelo menos, seriam considerados homens e mulheres de menor valor, numa perspectiva cisheteronormativa.

Embasados na compreensão do currículo enquanto um dispositivo pedagógico (LARROSA, 2004), que carrega em si saberes, sentidos, relações – sobretudo relações de poder, normatização – inclusive de gênero, mas que, também, opera desejos, possibilidades, rompimentos, diversidade e alegria (PARAÍSO, 2009; 2016), buscaremos analisar investimentos em currículos que operam linhas definidas para homens e mulheres. Traçando paralelos dos estudos sobre currículo com os estudos de gênero, tomamos como fonte de inspiração algumas cenas da animação “Mulan (1998)⁴”, da produtora estadunidense Disney, inspirada na história da heroína popular chinesa *Hua Mulan* (GARCIA; PEREIRA, 2018, p. 342).

Ao optar por empregar o cinema como um artefato cultural, salientamos que as pedagogias culturais nos levam a pensar sobre a produção de artefatos culturais para a infância e como as crianças constroem suas identidades frente a esses produtos (XAVIER FILHA, 2009, p. 72). Compreendemos, assim como Patrícia Abel Balestrin (2009), que as questões de gênero e sexualidade estão presentes no cinema, uma vez que,

dentre as tantas imagens que circulam na cultura contemporânea, podemos afirmar que o cinema é um dos artefatos mais poderosos que tem exercido alguma pedagogia – no sentido que sempre ensina modos de ser, de viver, de se comportar, enfim, produz sujeitos e identidades a partir das imagens que põe em movimento na tela (BALESTRIN, 2009, p. 176)

⁴ MULAN. Direção: Tony Bancroft e Barry Cook. Filme de animação. Estados Unidos – Orlando/Flórida. Produção: Walt Disney Pictures. 88 minutos, som, cor, dublado, livre. Meio Digital.

Partindo de algumas sequências de cenas que colocam a protagonista da animação em contato com currículos opostos e direcionados especificamente para cada um dos gêneros, buscaremos aproximações e distanciamentos da personagem com cada um dos currículos generificados (PARAÍSO, 2016), bem como sua necessidade de obter sucesso em um currículo desses currículos – aquele esperado para uma moça da sua idade, e o desejo de obter sucesso no outro – um currículo no qual a personagem se lança com vontade e determinação.

“Você vai nos honrar”: performatividade de gênero e currículo

Em “Mulan”, animação estadunidense datada de 1998, reconta-se uma lenda chinesa do século V, em que podemos assistir à performatividade de gênero da personagem principal Mulan. Tomaremos as conceituações de Judith Butler (2011) acerca de gênero e performatividade de gênero, para problematizar as questões por nós apresentadas. Nas palavras da autora:

O gênero não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história assoberbante do patriarcado. O gênero é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente, com inquietação e prazer. Mas, se este acto contínuo e confundido com um dado linguístico ou natural, o poder é posto de parte de forma a expandir o campo cultural, tornado físico através de performances subversivas de vários tipos. (BUTLER, 2011, p. 87).

Com as palavras de Butler, inserimo-nos no conflito de Mulan que, subversivamente, impede que seu pai adoentado e idoso vá à guerra, e assim, resolve ela mesma seguir esse caminho, criando, para isso, um personagem que assumirá o lugar do pai nas batalhas. Porém, além dessa questão que pode ser considerada como central na trama acontecem outros dramas e conflitos que merecem nossa atenção e merecem ser problematizados.

Mulan é filha única e mora com seus pais e sua avó. Para honrar sua família, ela deve, como todas as mulheres de sua idade, se casar. Para tanto, precisa ser capaz de demonstrar que conhece o código e as obrigações valorizadas para as moças daquela sociedade, demonstrando poder vir a ser uma valorosa esposa. Entre as habilidades e competências do currículo para ser uma boa esposa, por exemplo, são consideradas como qualidades ser calma, obediente, ter bons modos, cumprir seus deveres

respeitosamente, refletir para depois agir, entre outras. E, para provar seu valor, terá que, primeiramente, convencer a casamenteira, que funciona, naquela sociedade, como uma espécie de avaliadora social, de que domina esses conhecimentos e que é capaz de honrar sua família conseguindo um bom casamento.

Ainda em casa, Mulan, conhecendo sua personalidade marcante e livre, tenta “domar” seus gestos, sua fala, seu olhar, suas “boas maneiras”, reparando, até mesmo, uma “cola”⁵ – escrita em seu antebraço - com as principais habilidades, competências, valores e comportamentos que ela deve demonstrar na “avaliação” a que será submetida. Cabe ressaltar que Mulan compõe um conjunto de personagens que representa a transição das princesas⁶ Disney, de passivas e contemplativas, como, por exemplo, Branca de Neve e Cinderela, a eleitoras do próprio destino. Tal mudança na personalidade e atitudes dessas personagens inicia-se em 1992 e inclui “Ariel, Bela, Pocahontas, Mulan, Tiana e Rapunzel, as quais são retratadas nos filmes como sendo menos passivas e que não ficam mais sonhando e esperando a chegada do príncipe em um cavalo branco” (CHECHIN, 2014, p. 135).

Marcado horário com a casamenteira, Mulan busca adequar-se a um padrão de feminilidade que corresponda ao que se espera para o gênero feminino e, conseqüentemente, para uma boa esposa. Guacira Louro problematiza a relação dos corpos nas dinâmicas sociais:

Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam. (LOURO, 2010, p. 9-10).

A família de Mulan, por sua vez, espera e anseia que ela se case. Para aquela família, além da tradição de ver uma filha seguindo o caminho esperado para uma moça, há também a garantia de um futuro. Os pais envelhecem e deixam a filha em uma situação de certo conforto e tranquilidade, amparada por um homem que vai defendê-la

⁵ Segundo do Dicionário Caldas Aulete trata-se de cópia fraudulenta, imediata ou previamente preparada, para as respostas exigidas em provas ou exames prestados por estudante. <https://www.aulete.com.br/cola>. Acesso em 08/jul/21.

⁶ “A franquia *Disney Princesa*, de propriedade da The Walt Disney Company (DISNEY, 2014), foi criada em 1990 por Andy Mooney, presidente da Disney Consumer Products, mas com distribuição mundial somente a partir de 2002. *Disney Princesa* inclui as personagens femininas de dez filmes de animação da própria Disney e de mais uma da empresa Pixar. Atualmente, a franquia é composta por onze princesas, entre personagens que são filhas de reis, casadas com príncipes ou, ainda, por algum ato heróico praticado” (TONDONATO; VILAÇA, 2019, p. 375).

e garantir sua sobrevivência. Nesse aspecto, entra a figura da interessante “Casamenteira”, a senhora que avalia bons modos e bons costumes que são priorizados para moças que possivelmente serão boas e valorosas esposas. A animação reflete, assim, a normatização imposta pela sociedade no que diz respeito aos papéis que homens e mulheres desempenham. Para Andréo et al. (2016, p. 50),

o sistema sexo/gênero reflete a formação das mulheres (ou mais especificamente os estereótipos do que é ser mulher - delicada, educada, passiva, cuidadora do lar, entre outros atributos); e dos homens (viril, destemido, ativo, independente e provedor, entre outros predicados).

A visita à casamenteira, porém, não acontece como esperado. Após alguns incidentes, Mulan é expulsa pela profissional que grita a plenos pulmões: “Você é uma desgraça. Pode parecer uma noiva, mas você nunca trará à sua família **honra**” (ênfatisando a palavra honra).

Mulan não consegue mostrar à casamenteira que domina as atitudes e os conhecimentos esperados para ela naquele contexto. De certa forma, podemos dizer que Mulan não condiz com as expectativas do currículo apregoado naquele contexto social para se tornar uma boa esposa. Ou seja, ela não domina os conhecimentos necessários ou as habilidades e competências valorizadas naquele contexto e do currículo feminino que ensinava as moças a serem boas esposas.

Marlucy Paraíso (2016) nos aponta que alguns currículos,

além de ensinar muito sobre gênero, também operam, nos mais diferentes ensinamentos, com pensamentos e raciocínios generificados que atribuem capacidades distintas a meninos e meninas, a homens e mulheres; cobram “condutas adequadas” a seu sexo e “confinam” certos/as estudantes a uma compreensão de si mesmo como faltosos, problemáticos e fora da regra (PARAÍSO, 2016, p. 211)

Ampliando nossa compreensão no contexto deste artigo do que compreendemos enquanto currículo, precisamos, primeiramente, ampliar o seu campo de atuação, pois, inicialmente, ao pensar em currículo enquanto educadores, pensamos prontamente nas escolas, nos currículos escolares e acadêmicos. E, boa parte das vezes, pensamos no currículo formal, em conteúdos e práticas de avaliação. Entretanto, o currículo vai muito além dos bancos escolares e da academia. Para Paraíso (2009, p. 278),

um currículo é um composto heterogêneo, constituído por matérias díspares e de naturezas distintas; por saberes diversos e com capacidades variadas; por sentidos múltiplos e com inúmeras

possibilidades. Um currículo está sempre cheio de ordenamentos, de linhas fixas, de corpos organizados, de identidades majoritárias. Porém um currículo, também, está sempre cheio de possibilidades de rompimento das linhas do ser; de contágios que podem nascer e se mover por caminhos insuspeitados; de construção de modos de vida que podem se desenvolver de formas particulares.

As identidades são parte integrante dos currículos, bem como a possibilidade de extrapolar os limites indenitários impostos. Na animação da Disney, Mulan conhece o “currículo” tácito que define o masculino e o feminino. No início do filme, ao visitar a casamenteira, a personagem leva uma “cola” escrita no braço, com as respostas “certas” sobre o que é ser uma boa esposa, o que é ser uma mulher. Trata-se de respostas que indicam a submissão de seus desejos aos desejos do marido. Embora não escrito, o conjunto de práticas, regras, comportamentos, vestimentas, gestos define o que é ser mulher e o que é ser homem tanto naquela sociedade quanto nas demais sociedades até hoje. Da mesma maneira, quando Mulan resolve assumir, incorporar a identidade masculina de Ping, ela necessita se apropriar do currículo que define os padrões de masculinidade, como veremos adiante.

Os currículos estão pautados nas relações de saber-poder que permeiam as relações entre os indivíduos. O currículo pode priorizar as relações binárias e excludentes, buscando fixar os papéis de gênero definidos pela sociedade heteromormativa ou pode abrir espaço para a subversão dessas relações de poder, possibilitando a fluidez dos papéis de gênero, rompendo com a dicotomia imposta. Nessa perspectiva, o currículo surge como uma possibilidade de constituição dos sujeitos. De acordo com Silva (2007, p. 150), “currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. [...] O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade”. Estamos considerando que os currículos agem como dispositivos pedagógicos – uma vez que educam e ensinam, que operam por meio de imagens, comportamentos, falas, discursos, olhares, entre tantos outros que atuam na maneira como aprendemos a ser homens e mulheres. Um dispositivo pedagógico, para Larrosa (1994, p. 55), pode ser entendido como “qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo”.

O currículo que gira ao redor do casamento captura mulheres e homens de maneira diferente. Aos homens, casar significa apresentar a heterossexualidade como fonte de criação para a família, excluindo qualquer ligação com a homossexualidade.

Ter uma família e filhos foi uma forma eficiente de currículo que capturou muitos homens em sua constituição de masculinidades. Com as mulheres, num diálogo diferente com a homossexualidade, ter um marido e família mostrou-se como significado de sucesso pessoal e felicidade na construção da vida de muitas mulheres.

Para Guacira Lopes Louro (2017), as mulheres, “possivelmente mais do que homens, têm sido educadas para viver na expectativa de serem julgadas. Parece que faz parte das pedagogias da feminilidade o receio de não corresponder ao que, supostamente, delas é esperado”. (LOURO, 2017, p. 116). Em relação a Mulan, é esperado que se case. Assim, nós nos ataremos ao que Mulan apresenta para compreender as rupturas que podem existir na constituição de sujeitos. Isso porque nem sempre o que a sociedade impõe ou educa como ideal é o que individualmente se espera.

Mulan transita entre os currículos do ser mulher e do ser homem durante o filme. Nas cenas iniciais, a personagem é, por investimento e pressão de sua família e da sociedade, encorajada e pressionada a se tornar uma mulher “para casar”, como se esse fosse o único destino possível e almejado pelas mulheres daquela sociedade. A animação continua e, logo em seguida, a personagem passa a exercer uma performabilidade masculina, ao ingressar no exército sob o comando do capitão Shang e passa a ter que aprender todo um novo currículo: aquele que dita como ser homem.

“Homem Ser”: masculinidades, performatividade de gênero e currículo

Com a chegada da notícia de que um homem de cada família deveria se apresentar ao exército para lutar contra os hunos que invadiam a China⁷, o pai de Mulan, um honrado veterano, se dispõe a lutar, uma vez que é o único homem de sua família. Porém, o patriarca possui em seu corpo uma sequela de um ferimento de guerra que o leva a necessitar de uma bengala para se locomover. Mulan, então, assume o lugar de seu pai e abandona sua casa e sua família para lutar contra os hunos que invadiam a China, apresentando-se no lugar de seu pai, já idoso e ferido de guerra. Só há um problema: Mulan é mulher e o exército chinês só aceita homens.

Mulan precisará, para ser aceita no exército, transformar-se em um homem buscando aprender a se comportar e a agir como um. Ao se inserir no mundo masculino,

⁷ “A história se passa em algum período da Dinastia Han, entre 206 a.C. - 220 d.C” (GARCIA; PEREIRA, 2018, p. 352).

que é um acampamento militar, Mulan precisará dominar todo um currículo que compreende as formas de ser um homem naquele contexto, de forma a não ser descoberta em seu disfarce. Mulan descobre, então, que a construção de uma forma de masculinidade é passando pela negação de todas as características que possam aproximar-se do gênero feminino. O gênero, como uma categoria social, passa por construções e investimentos para sua perpetuação enquanto algo que enquadra, delimita e determina ações, sentimentos, atitudes, comportamentos, artefatos, como sendo de um gênero específico, como podemos perceber na sequência de cenas que mostra Mulan a caminho do acampamento que abordaremos a seguir. Entram em cena, então, os personagens “encantados” da história, os ancestrais da família que são invocados desde as cenas iniciais pelo pai, pela avó e pela própria Mulan, os quais “despertam” e pedem ao pequeno dragão Mushu, uma espécie de mensageiro místico, que acorde o guardião da família. Porém, Mushu se atrapalha, quebra a estátua referente ao “Grande Dragão de Pedra”, o guardião da família, e assume seu lugar, juntamente com um grilo da sorte (que pertence à avó de Mulan), mas que fora o causador da confusão na casa da casamenteira no início do filme. Sendo assim, Mushu se apresenta a Mulan como o guardião enviado por seus antepassados para apoiá-la em sua missão.

Mulan, então, cria Ping, seu disfarce masculino, para se alistar no exército, em busca de conceder honra a seu velho pai e à sua família. Para não ser descoberta e ver ruir seu plano, Mulan precisa aprender a se portar como um homem, contando, para isso, com a ajuda de Mushu, que a “ensina” a se comportar como homem para se apresentar no acampamento e não ser descoberta. Na cena descrita a seguir, Mushu ensina a Mulan alguns pontos do currículo masculino.

Mushu: é o seguinte, tem que andar que nem homem, ombros pra trás, levanta o queixo, separa os pés, ergue a cabeça e 1, 2, 3... [empurra Mulan em direção ao acampamento].

Ao ensinar Mulan a se portar como homem, Mushu ativa uma série de atitudes e comportamentos que não só acionam em Mulan uma determinada performatividade de gênero (BUTLER, 2019), quanto um currículo que traz em si, prescrito, um determinado conhecimento acerca do que é ser homem, ou seja, acerca das masculinidades.

Cláudia Cordeiro Rael (2018) nos mostra o papel que os desenhos animados, enquanto artefato cultural desempenham, uma vez que põem em circulação uma série de

discursos e práticas determinadas a um ou ao outro gênero. “Assistimos aos desenhos sem perceber que eles estão nos constituindo e ensinando o que é ser homem, ser mulher, ser criança, ser branco ou negro”. (RAEL, 2018, p. 161).

Para ensinar Mulan a se portar como um homem, Mushu aciona discursos e práticas construídas socialmente e que determinam o que é ser homem. Rewin Connell (1995, p. 188) argumenta que

a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de "masculinidades". Existe o perigo, nesse uso, de que possamos pensar no gênero simplesmente como um *pout-pourri* de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo. Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas.

Ao definir masculinidade de maneira mais geral, Connell nos alerta, também, para a necessidade de pensar nas outras formas de masculinidades existentes e co-existent, o que faremos mais à frente, utilizando estudos mais recentes da autora, nos quais ela amplia e problematiza seus estudos sobre as formas de vivência das masculinidades.

Sendo assim, o que podemos perceber, na “aula de como ser homem”, ministrada por Mushu à Mulan e nas cenas que seguem, quando a protagonista assume a performatividade de Ping, é um investimento no currículo que determina a masculinidade hegemônica naquele contexto de um acampamento de guerra. É necessário atentarmo-nos para a advertência feita por Connell na citação acima, ou seja, precisamos ter em mente que as relações de poder se constituem como fator determinante nas relações de gênero, sejam elas de um gênero com o outro ou entre o mesmo gênero.

Diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela. (CONNELL, 1995, p. 189)

Ping/Mulan é recebido com chacota por seus companheiros de treinamento do exército, após provocar confusão em sua chegada ao acampamento militar, e depois, passando por várias sabotagens em seu treinamento. Na sequência, vemos o Capitão Li

Shang ensinando aos seus discípulos os princípios do currículo militar: disciplina e ordem. As cenas são embaladas pela canção Homem ser:

Vamos à batalha / Guerrear, vencer / Derrotar os hunos / É o que vai valer / Vocês não são o que eu pedi / São frouxos e sem jeito algum / Vou mudar, melhorar / Um por um / Calmo como a brisa / Chamas no olhar / Uma vez centrado / Você vai ganhar / São soldados sem qualquer valor / Tolos e sem jeito algum / Mas não vou desistir de nenhum / Homem ser! / Seremos rápidos como um rio / Homem ser! / Com força igual a de um tufão /
Homem ser! / Na alma sempre uma chama acesa / Que a luz do luar nos traga inspiração / Homem ser! / Seremos rápidos como um rio / Homem ser! / Com força igual a de um tufão / Homem ser! / Na alma sempre uma chama acesa / Que a luz do luar nos traga inspiração! / Homem ser! / Seremos rápidos como um rio / Homem ser! / Com força igual a de um tufão / Homem ser! / Na alma sempre uma chama acesa / Que a luz do luar nos traga inspiração!

Ao definir o tipo de guerreiro que esperava para compor seu grupamento, ou seja, o tipo de homem esperado e valorizado para as atividades de guerra, Li Shang, o capitão, desenha um padrão de masculinidade, explicitando, assim, a masculinidade hegemônica naquele contexto de batalhas: forte, determinado, conhecedor de hierarquia, destemido, veloz e disciplinado.

Segundo Connell e Messerschmidt (2013), a masculinidade hegemônica assim o é, não devido à quantidade ou superioridade estatísticas de indivíduos inseridos ou que performatizam essa variante, mas pela forma expressiva que ela se impõe em uma sociedade, tornando-se o padrão a ser reproduzido por aqueles indivíduos que a almejam e admirada por aqueles indivíduos que a valorizam, e/ou a ela se subordinam.

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245)

Ao conchamar os seus soldados à luta, o capitão deixa transparecer a necessidade de mudanças, pois os classifica como “frouxos”, “sem jeito”, “sem valor” e “tolos”. A masculinidade hegemônica, assim como as demais masculinidades (CONNELL, 1995; 2013), são efetivamente construídas através de relações de dominação e poder. Quando o Capitão Shang classifica seus soldados utilizando os termos acima citados, menospreza suas possíveis qualidades, confirmando a visão da possibilidade da

existência de somente uma forma possível de vivência das masculinidades e ressalta o poder de dominação que essa hegemonia teria sobre as demais formas de masculinidades.

Ao construir um estereótipo de guerreiro, Shang constrói, também, um ideal de homem: “rápido como um rio e com força igual à de um tufão” determinando, assim, elementos que aproximam esses sonhados soldados à masculinidade hegemônica. Masculinidade hegemônica, que corresponde, segundo Connell (1995) às habilidades, características e aparências valorizadas por uma determinada cultura. No caso do filme, o capitão conchama na canção por homens que possam compor seu exército e vencer os hunos.

Durante as cenas que se desenvolvem tendo a canção “Homem Ser” ao fundo, somos apresentados a episódios do treinamento militar e, também, a outros personagens do filme. Enquanto o personagem Capitão Shang canta a música, faz uma demonstração das habilidades a serem desenvolvidas pelos futuros guerreiros em seu treinamento: quebra vasos de cerâmica lançados ao ar com uma vara de madeira, salta, atira e acerta em três maçãs com um arco e três flechas, ao mesmo tempo, defende-se e desvia - com uma vara - de pedras atiradas equilibrando-se na beira de um penhasco com um balde cheio de água sobre a cabeça, pesca com um só golpe um peixe em um riacho. Dessa forma, o capitão Shang aciona uma série de conhecimentos que fará daqueles soldados, na sua visão bem como na de toda a sociedade da época, “homens de verdade”, daí o título da canção “Homem Ser”.

Essas cenas nas quais a animação explicita quais são as características e as habilidades que se espera de um homem podem ser entendidas como um currículo, não no sentido estrito da palavra, mas entendendo-o como um dispositivo pedagógico, uma vez que, nessas cenas, Mulan compreende e modifica a experiência de si enquanto busca se constituir como um novo sujeito – Ping - adequando-se às normas “curriculares” do que é ser homem. A aceitação de Mulan enquanto homem pelos seus pares depende do cumprimento das “normas” que definem o que é ser homem naquele tempo e espaço. A constituição do sujeito está, dessa forma, atrelada ao atendimento do currículo social tácito que tanto define o indivíduo enquanto sujeito quanto estabelece os limites entre o masculino e feminino.

Ao mesmo tempo em que Shang ensina seu grupamento a ser homem, são exibidas cenas do treinamento na qual os demais soldados tentam sabotar o treinamento de Ping. Concomitantemente, Mushu e o Grilo, tentando ajudá-lo, trapaceiam nas

atividades do treinamento, levando o capitão a deixar transparecer que pensa que Ping seria inapto e desonesto. Porém, nenhum dos soldados consegue pleno desenvolvimento das habilidades elencadas pelo capitão para ser um bom guerreiro.

Para tal feito, o Capitão Shang aciona uma série de conhecimentos, competências e habilidades que definem um currículo que ensina a ser um homem de verdade, numa relação na qual ele, no lugar de quem ensina, busca formar e transformar aqueles que ele considera não dominar as capacidades básicas de ser homem, de ser guerreiros. Por outro lado, aos demais cabe somente se enquadrar enquanto aprendizes, daqueles que precisam ser (trans)formados, refeitos, recriados.

Um currículo é um território de *ensinar* e de *aprender* por excelência. *Ensinar* é transmitir, informar, ofertar, apresentar, expor e explicar conhecimentos e saberes pensados, pensáveis e aceitos. *Aprender* é abrir-se e refazer os corpos, agenciar atos criadores, refazer a vida, encontrar a diferença de cada um e seguir um caminho que ainda não foi percorrido. Um currículo é um artefato que *ensina* porque uma de suas funções é *transmitir* conteúdos, saberes, conhecimentos, conceitos, habilidades, competências, culturas, valores, condutas, modos de ser, estar e viver já pensados e aceitos (PARAÍSO, 2016, p. 209-210)

A canção continua embalando as cenas e o capitão demonstra sua impaciência e desânimo para com aqueles homens que considera “fracos e sem jeito algum”, apesar de seu todo investimento e aplicação no treinamento. A despeito de já lhes ter ensinado as lições, aqueles homens continuavam longe das habilidades consideradas necessárias para o campo de batalha, que era o objetivo final de todo aquele investimento naqueles copos. Já caminhando para o final da cena, os soldados têm o desafio de carregar nos ombros, subindo uma ladeira, uma vara com dois pesados sacos com pedras. Como Ping acaba ficando para trás do grupo, o capitão toma o artefato de Ping e passa a carregá-lo junto com o seu, demonstrando força e preparo. Ping fica humilhado no chão. Na sequência, já à noite, quando chega ao acampamento, Ping é recebido por Shang que lhe entrega seu cavalo, convidando-o a partir ao som dos versos: “Mas se não estão em condições, como vão guerrear e vencer?”

Baliscei e Calsa (2018, p. 188), citando Connell (1995;1997), afirmam que a “Masculinidade Subordinada caracteriza indivíduos marginalizados e desvalorizados pela lógica patriarcal”. Somos apresentados, durante as cenas que mostram o treinamento dos soldados de Shang, às características que menosprezam e desvalorizam as demais formas de masculinidades existentes naquele grupo de homens. Podemos,

como já dito, perceber todo o investimento de Shang em um currículo que se propunha a formar homens de verdade. Porém, quando a canção dita que aqueles homens são fracos e sem jeito algum, vemos nas cenas as limitações que alguns personagens se colocam: um está acima do peso considerado ideal, outro não sabe nadar, outro não entende as instruções, além de Ping, que é uma mulher utilizando da performatividade de gênero, sempre temeroso em ter seu disfarce descoberto. Interessante perceber que as limitações são apresentadas pelos próprios personagens, que, a despeito de todo investimento do Capitão, seguem sem ter sucesso nos treinamentos e longe de ajudar Shang a conquistar seu objetivo de transformar aqueles “homens frouxos e sem jeito algum” em guerreiros, em homens de verdade.

Quando Ping recebe “o convite” de Shang para deixar o acampamento, naquele início de noite, após mais um dia de treinamentos sem sucesso, ele olha para um grande mastro com uma flecha cravada no topo, quase inacessível. Um dos pontos mais difíceis do complexo currículo de se tornar um guerreiro, um homem de verdade, seria alcançar tal flecha escalando o mastro com a ajuda de duas cordas com pesos presos em suas pontas. Até então, somente o capitão Shang havia conseguido realizar essa prova. Ping tenta exaustivamente cumprir a tarefa e, já pela manhã, quando todos acordam, ele está no alto do mastro com a flecha nas mãos. O treinamento continua com Ping sempre se destacando nas atividades e despertando o respeito e apoio dos demais soldados e do Capitão Shang.

“Quando a imagem de quem sou vai se revelar”: currículo, gênero, desejo e alegria

No início do filme, por mais que tente e se esforce, Mulan não consegue conquistar o respeito e a aprovação da casamenteira, ouvindo dessa, inclusive, que ela jamais concederia honra à sua família. Tal evento detona na personagem o sentimento de fracasso e incapacidade de reproduzir o que era esperado para ela. Retornando para casa, a personagem sofre por não atender às expectativas de sua família – e de toda a sociedade. No jardim, ela canta, ainda abalada pelo fracasso de não conseguir se tornar a mulher ideal, a esposa ou a filha perfeita.

Olhe bem, a perfeita esposa jamais vou ser
Ou perfeita filha

E eu talvez, tenha que me transformar
Vejo que, sendo só eu mesma
Não vou poder ver a paz reinar no meu lar

Porém, ao assumir o papel de Ping e performar um personagem masculino, ela conquista o respeito de Shang e caminha para realizar o objetivo de honrar sua família, mesmo após variados insucessos em seu treinamento. A personagem busca forças e prova que é capaz de realizar as atividades. Mas qual a diferença? O que a faz se movimentar nesse cenário e a fez paralisar no outro? Podemos, dialogando com Marlucy A. Paraíso (2009), encontramos uma pista: o desejo.

Como já citado anteriormente (PARAÍSO, 2009, p. 278), um currículo não são apenas ordenamentos, linhas fixas, corpos organizados, identidades majoritárias, sendo, também, possibilidades de rompimento das linhas do ser, movimentos por caminhos insuspeitados, construção de modos de vida que podem se desenvolver de formas particulares. A autora nos convida a pensar que currículo é desejo, é encontro, é experiência e que desejo, encontro e experiência “fazem crescer a potência de vida” (*ibid*). Durante a animação, Mulan faz esse encontro consigo e com a possibilidade de honrar sua família e, especialmente, seu pai. Subverte os desígnios do currículo esperado para moças em sua sociedade e lança-se ao encontro das possibilidades, ao desejo e à experiência.

Ao final, a presença de Mulan no exército chinês é crucial para a vitória sobre os hunos. Mulan retorna à sua vila e à sua família, ostentando honra e condecorações por salvar a vida do imperador da China. Mulan, também, nos mostra como é possível subverter os limites dos currículos impostos, ensinando-nos a transpor as fronteiras daquilo que é esperado, decidido e pragmaticamente deliberado para cada gênero. Mulan, assim como Paraíso (2016), nos mostra as possibilidades de subverter as tecnologias do currículo, sobretudo, a generificação dele em busca de outras possibilidades.

Paraíso (2016, p. 227) nos dá pistas que nos conduzem a currículos que possam subverter as fronteiras, especialmente as “de gênero que, desde muito cedo (ainda no útero), trabalha-se para demarcar” [...] “e de corpos que devem se tornar corpos abertos e sem classificações, potencializados por suas conexões e capacidades” (PARAÍSO, 2016, p. 230-231). Por fim, ela nos alerta que “necessitamos é de alegrias, são necessários pensamentos, raciocínios, sentimentos e sensações que resistam às

vergonhas e contestem as tristezas que se vivencia em um currículo” (PARAÍSO, 2016, p. 232).

“Você salvou minha vida, você tem minha confiança” x “uma vida pela outra”: considerações finais

Ferida após salvar a vida do capitão Shang no campo de batalha, Mulan tem seu segredo revelado e é obrigada a abandonar o grupamento sentindo-se humilhada e derrotada. Nas cenas seguintes, a personagem expressa para seus companheiros de jornada, Mushu e Grilo da Sorte, o quanto se sentia fracassada, uma vez que nenhum de seus esforços para honrar sua família tinha sido bem-sucedido, nem como noiva, nem como soldado.

De modo a encerrar nossos apontamentos no presente texto, no qual buscamos apontar para as inúmeras possibilidades que emergem quando buscamos aproximar os estudos de gênero dos estudos do currículo e das pedagogias culturais, traçamos aqui uma possibilidade de diálogo na qual a personagem título do filme performa diferentes identidades de gênero em busca de honrar sua família, experimentando, assim, diferentes conhecimentos e representações de masculino e feminino entre duas possibilidades de currículo, entre modos de ver e modos de ser.

Mulan experimentou mundos distintos durante suas aventuras. Navegou entre os valores e atitudes requeridos a uma jovem de sua idade naquela sociedade: delicadeza, passividade, dedicação, calma, serenidade, requisitos para se tornar uma boa esposa, e os valores requeridos a um jovem soldado: bravura, garra, determinação, disciplina e ordem. Porém, Mulan obteve maior sucesso justamente no currículo que “não pertencia” a seu gênero. Mulan se esforçou, se dedicou, ousou e arriscou ao optar pelo contato com aquele currículo que não fora socialmente criado para ela. Todavia, foi justamente nesse currículo que Mulan obteve sucesso.

Se buscarmos pistas, motivos ou os “porquês” do sucesso em um currículo para o qual não se espera o seu êxito, talvez possamos pensar que o desejo e a alegria sirvam como pano de fundo para a trajetória de Mulan e seu sucesso em um dos currículos por ela operados ao longo do filme. Sendo assim, ressaltamos procuramos, neste texto, pensar não somente as formas como um filme de animação aciona currículos ou relações de gênero, mas como o currículo pode movimentar pessoas ao colocar em jogo determinadas habilidades, competências e valores ou paralisá-las usando essas mesmas

habilidades, competências e valores. Mulan pôde usar da performatividade de gênero para se lançar em uma aventura de buscas e descobertas sobre si e sobre o mundo. Que possamos, também, nos encontrar e acionar currículos que não aprisionem ou restrinjam as inúmeras possibilidades de existências, mas que sejam campos transformadores e de treinamento para todos.

Referências

ANDRÊO, Caio *et al.* Homofobia na construção das masculinidades hegemônicas: queerizando as hierarquias entre gêneros. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 16, n. 1, Rio de Janeiro, 2016.

BALESTRIN, Patrícia Abel. Gênero e Sexualidade no Cinema: questões para Educação. In: XAVIER FILHA, Constantina. **Educação para Sexualidade, para a Equidade de Gênero e para a Diversidade Sexual**. Campo Grande: Editora UFMS, 2009.

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas** Notas para uma teoria performativa de assembleia. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos que Importam - Os limites discursivos do “sexo”**. 1 ed., São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). **Gênero, cultura visual e performance**. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

CECHIN, Michelle Brugnera Cruz. O que se aprende com as princesas da Disney? **Revista Zer-a-seis**. v. 1, n. 29 p. 131-147 - jan-jul 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2014n29p131>. Acesso em: 13 ago.2019.

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**. Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1224> Acesso em: 13 set. 2020.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 242 - 282, janeiro-abril/2013.

GARCIA. Rafael M.; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Resenha do filme Mulan (2013): problemáticas de gênero. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, nº.54, p. 342 – 356, julho/2018.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade** Uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... **Revista Educação, Sociedade e Culturas**, 2017.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo, Desejo e Experiência. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 277-293, mai./ago. 2009.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 206-237, jan./abr. 2016.

RAEL, Claudia Cordeiro. Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney. LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVA, Tomaz T. da. **O Currículo como Fetiche: a poética e a política do texto curricular**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

XAVIER FILHA, Constantina. Kit de materiais educativos para a educação para sexualidade, para equidade de gênero e para a diversidade sexual: protagonismos, ousadias e peraltagens possíveis. In XAVIER FILHA, Constantina. **Educação para Sexualidade, para a Equidade de Gênero e para a Diversidade Sexual**. Campo Grande: Editora UFMS, 2009.

TONDATO, Márcia P.; VILAÇA, Maria Giselda. Mudaram as Princesas? Ressignificações da identidade feminina nos SRSs. **RuMoRes**, v. 13, nº 26, p. 370-391, 2019. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2019.160681. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/160681>. Acesso em: 12 abr. 2021.

Recebido em maio de 2021.

Aprovado em junho de 2021.